

# Estudos contrastivos dos dialetos baianos e pernambucanos

## *Contrastive studies of the 'baiano' and 'pernambucano' dialects*

Daniele dos Santos LIMA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa os dialetos baianos e pernambucanos. Apresentamos o resultado do estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos, tomando como referência as cidades de Salvador e do Recife, a fim de auxiliar o trabalho com a variação diatópica em sala de aula. Para tal, tivemos como *corpus* os dicionários do Baianês e do Pernambuquês, de Nivaldo Lariú e Bertrando Bernardino, nos quais foram pesquisados os dialetos baianos e pernambucanos. Nessa etapa, o referencial teórico está baseado nos estudos de Mário Marroquim (2008), Ilari e Basso (2007), Maurizio Gnerre (1998), Ferreira e Cardoso (1994), além dos PCN. A metodologia usada para este trabalho está baseada em leituras de livros e artigos relacionados à variação diatópica, dialetologia, ocupação histórica das duas cidades estudadas (Salvador e Recife), representando os respectivos estados, além da análise dos dialetos e expressões populares encontrados nos dicionários do Baianês e do Pernambuquês.

**Palavras-chave:** História. Variação linguística. Dialetologia. Léxico. Expressões populares.

**Abstract:** This paper analyses dialects from Bahia and Pernambuco'. We present the result of a contrastive study of 'Bahiano' and 'Pernambucano' dialects, taking as references the cities of Salvador and Recife aiming to develop the work of diatopic variety in the classroom. To do so we use as a *corpus* some dictionaries of "Baianês" and "Pernambuquês", written by Nivaldo Lariú and Bertrando Bernardino, from where were taken some Bahianos and Pernambucanos dialects. At this phase of the research, the theoretical reference was based on the studies of Mário Marroquim (2008), Ilari and Basso (2007), Maurizio Gnerre (1998), Ferreira and Cardoso (1994) as well as on the "PCN". The methodology used for this study was based on books and articles related to diatopic variety, dialectology, and the historical occupation of both cities (Salvador and Recife) representing the respective states (Pernambuco and Bahia), as well as the analysis of the dialects and popular expressions found in "Baianês" and "Pernambuquês" dictionaries.

**Keywords:** History. Linguistic. Variety. Dialectology. Lexical words. Popular expressions.

## Introdução

Este artigo apresenta o resultado do estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos, que teve como referência as cidades de Salvador e do Recife, a fim de auxiliar o trabalho com a variação diatópica em sala de aula. Para tal, tivemos como *corpus* do estudo os dicionários do Baianês e do Pernambuquês, de Nivaldo Lariú e Bertrando Bernardino, nos quais pesquisamos os dialetos baianos e pernambucanos. Nessa etapa, o referencial teórico esteve baseado nos estudos de Mário Marroquim (2008), Ilari e Basso (2007), Maurizio Gnerre (1998), Ferreira e Cardoso (1994), além dos PCN.

Muitos teóricos se debruçam sobre os estudos das variedades linguísticas; foi atrelada essa teoria à prática de sala de aula. Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), pesquisadoras baianas na área de

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa - FAFIRE, Graduada em Letras - UNIVERSO e técnica em Turismo - CEFET-BA.

Dialetologia no Brasil, afirmam que: “os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira”. Muitas vezes, o professor parece não ter consciência disso e se impõe como padrão (culto) a ser seguido, agredindo a origem e a cultura do educando. No caso da cidade de Salvador e do Recife, é interessante entender porque ambas (cidades nordestinas) lidam tão distintamente com seus dialetos: enquanto em Salvador observa-se um orgulho e exibição das suas marcas diatópicas, em Recife é percebida uma dificuldade de reconhecimento de suas marcas linguísticas. O recifense não exhibe o mesmo orgulho visto na capital baiana. Ferreira e Cardoso (1994, p. 19), acrescentam que: “A dialetologia não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialetologia”.

Para proceder a essa análise, fez-se necessário analisar a trajetória histórica da língua portuguesa nestas duas cidades, pois através do percurso histórico, o indivíduo percebe o porquê da diferença do falar baiano e pernambucano, ou seja, compreende a variação da língua. Dessa maneira, o indivíduo se educa e começa a refletir e a respeitar as diferenças dialetais. Através deste percurso histórico constatamos que a ocupação histórica influi na formação linguística. E conseqüentemente, na fala de cada região estudada. Além disso, verificamos como aconteceu a mutilação do território pernambucano e quais as conseqüências desta mutilação. O desmembramento do território refletiu-se na fala dos falantes das duas cidades pesquisadas.

Uma maneira de fazer o aluno refletir sobre a questão da variação diatópica é levá-lo a analisar como retratam os dicionários do Baianês e do Pernambuquês os dialetos das cidades de Salvador e do Recife. Dessa forma, o alunado poderá observar as variantes dialetais das duas cidades citadas.

Os estudos dialetológicos são relevantes, não só, a fim de compreendermos o que é dialetologia, mas para fazermos um percurso da trajetória histórica dos dialetos baianos e pernambucanos (Salvador e Recife), pois qualquer língua com um número significativo de falantes possui o seu dialeto, e principalmente se houver barreiras geográficas separando um grupo de pessoas. Além disso, é importante levarmos em consideração que, hoje em dia, com o aprimoramento das tecnologias, os indivíduos se locomovem constante e rapidamente de uma região para outra e, através desta locomoção, ocorre a interação com indivíduos de outras culturas. Dessa forma, faz-se necessário o conhecimento semântico dos léxicos e a compreensão das variações das pronúncias dos dialetos de cada região.

Um trabalho sobre as variações diatópicas, bem direcionado em sala de aula, ajuda o aluno a entender essas diferenças linguísticas apenas como algo comum na língua e não como marcas de hierarquia linguística. É necessário que o indivíduo entenda que sua maneira de falar não é inferior ou superior à de outra localidade, são apenas diferentes.

Mario Marroquim (2008, p. 17) apresenta grandes contribuições acerca da Língua do Nordeste, informando: “A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos das outras”. Ilari e Basso (2007), além de mostrarem o que é variação diatópica, mostram a variação regional no português do Brasil. Referindo-se à variação diatópica, Ilari e Basso (2007, p. 157) entendem-na como “as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países”. Maurizio Gnerre explica-nos que a linguagem tem relação com o poder, e Ferreira e Cardoso (1994, p. 18) mostram os estudos dialetológicos dos falares brasileiro e dizem que: “Não se pode negar que a dialetologia, a ciência que brotou nos fins do século XIX, demonstrou, e demonstra até os dias de hoje, seu maior interesse pelos dialetos regionais [...]”. Os PCN informam que a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística.

Este estudo é relevante, pois, junto com as outras variações, a diatópica está presente na sala de aula e, muitas vezes, o falante é vítima de preconceitos por causa de sua procedência geográfica denunciada por meio da fala. Os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem as variedades que compõem a Língua Portuguesa, ou seja, “A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa” (BRASIL, 1998, p. 29). Sendo assim, os PCN enfatizam a necessidade de se respeitar as variedades trazidas pelo aluno, pois este “Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, [...] até ter vivido essa experiência [...] a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística” (BRASIL, 1998, p. 82).

No tocante dos Estudos Contrastivos dos dialetos baianos e pernambucanos tivemos como referência os estudos de Silva Neto (1977), mostrando-nos a importância do estudo dialetológico e o seu significado. Silva Neto (1977, p. 146) diz que: “É preciso, [...] ter sempre no espírito o importantíssimo fato de que os falares não existem em torres de marfim, mas, ao contrário, seguindo o intercâmbio humano, se chocam uns com os outros”. Silva Neto (1977, p. 146) ainda

acrescenta que: “o aprofundamento e alargamento dos estudos revelou que as causas históricas podiam explicar os limites de certos conjuntos de isoglossas”. Por isso, tivemos a preocupação de fazer um percurso histórico neste estudo, para verificar como a ocupação histórica influenciou nas falas dos habitantes das duas regiões estudadas (Salvador- Recife).

Para fazer o percurso histórico das duas cidades, Salvador e Recife, utilizamos Sousa (1995) para demonstrar como foi a ocupação do território baiano e Cavalcanti (2006) para demonstrar como foi a ocupação do território pernambucano. Utilizamos Silva (2001) e de Lima Sobrinho (1950) para mostrar como ocorreu a ocupação e o desmembramento do território pernambucano. Além disso, mencionamos as palavras de Mendonça (1973, p. 61) com o intuito de verificar a influência africana no português; segundo o autor citado “O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular”. Foi necessário consultarmos Mendonça (1973), pois a cidade de Salvador tem uma forte influência africana. Por isso, precisamos de uma análise teórica para constatar as contribuições africanas na fala. Mencionamos também as palavras de Nina Rodrigues (2008, p. 122): “Quando na Bahia se afirma que uma pessoa fala a língua da Costa, entende-se que ela fale o nagô”. Citamos as palavras de Póvoas (1989, p. 112) referente à influência africana neste estudo, pois o mesmo explica que: “[...] o falar descansado do brasileiro em relação ao lusitano, a curva melódica do português do Brasil têm sido atribuídos a uma possível influência africana”. Já Coutinho (1976) contribuiu com informações referentes à influência indígena e também africana nos dialetos baianos e pernambucanos. Um fator poderoso que contribuiu para o uso e expansão das palavras de origem tupi foram as bandeiras. Coutinho (1976, p. 323) informa que: “Deste modo é que se justifica a existência de tantos topônimos em regiões situadas fora da área ocupada pelos tupis”.

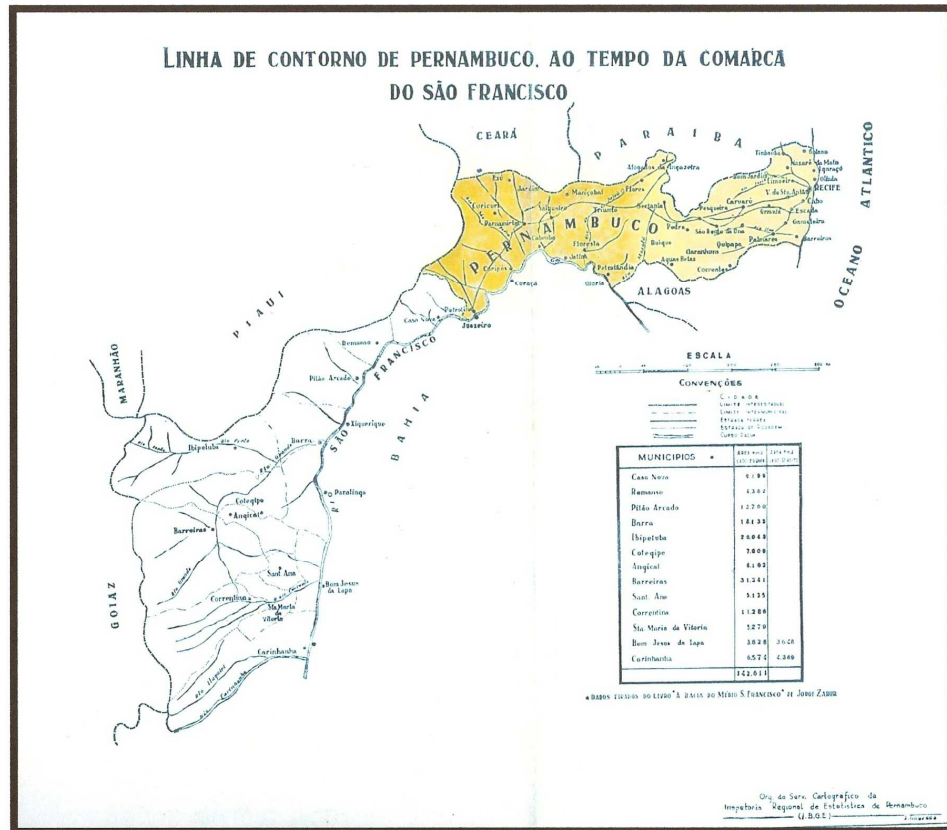
Tomamos como base as reflexões de vários artigos organizados por Cardoso (1999), encontrados na Revista DELTA, entre eles o artigo referente à dialetologia no Brasil: Perspectivas, no qual a autora faz um breve histórico dos estudos dialetais, e em Cardoso (2001, p. 42), *Dialetologia: trilhas seguidas*. Neste artigo a autora diz: “A Geolinguística, como a própria denominação lhe impõe e a natureza dos dados que busca reunir exige, permanece, na sua essência, diatópica sem, porém, descurar do aspecto multidimensional de que se reveste o ato de fala”.

Este artigo é relevante, pois além de informar como foi realizado o estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos, mostra como aconteceu a mutilação do território

pernambucano. Verificamos que Pernambuco sofreu uma mutilação no seu território devido ao percurso histórico que foi necessário fazermos para constatarmos que a ocupação histórica tem a ver com a fala utilizada nas duas cidades (Salvador-Recife). Segundo Lima Sobrinho (1950, p. III):

A COMARCA do Rio São Francisco foi desligada da província de Pernambuco em 1824, e anexada, provisoriamente, à província de Minas Gerais. Três anos depois, era transferida, ainda provisoriamente, para a província da Baía, a 15 de Outubro de 1827. Obedeciam estes dois atos a uma só intenção, que era a de tornar mais difícil a irradiação dos ideais de liberdade e de república, agitados e defendidos no movimento de 1824, por meio do qual se viera a criar a Confederação do Equador. Considerava-se oportuna e conveniente a mutilação, para defender os centros pacíficos e ordeiros do país, preservando-os do contágio dos sentimentos de rebeldia do Nordeste brasileiro.

Pode-se daí inferir a extensão da perda sofrida por Pernambuco, no momento em que D. Pedro procurava atalhar a ação de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, a quem acusava de enviar, a todos os pontos da Província, emissários incumbidos de solicitar adesões à causa da Revolução Pernambucana. Esta intenção era muito bem esclarecida no Decreto de 7 de Julho de 1824, quando o Imperador dizia que era o seu dever salvar os súditos do contágio, da sedução e impostura com que o partido demagogo pretendia ilaqueá-los. A vitória da República e da Federação não chegou a ter força necessária para suprimir os castigos impostos aos republicanos e federalistas de 1824. A mutilação obedeceu apenas a motivos políticos, ou seja, desejo de evitar que chegassem até Minas Gerais os pruridos revolucionários de Pernambuco. O que não impediu que depois viesse dizer que a perda da Comarca se devia à circunstância de ter sido a região conquistada ou povoada pela Bahia.



MAPA 2. LINHA DE CONTORNO DE PERNAMBUCO. AO TEMPO DA COMARCA DO SÃO FRANCISCO (LIMA SOBRINHO, 1950, p. XXXVIII).

Silva (2001) também menciona a mutilação sofrida pelo território de Pernambuco. Segundo o autor citado, a mutilação ocorreu após tentativas de estabelecimento de um Governo Liberal representativo, ou seja, o primeiro desmembramento ocorreu em 1817, quando a Revolução Republicana eclodiu no dia 6 de março. Ocorreu então a separação da Comarca de Alagoas, que passou a constituir a Província Autônoma; o outro desmembramento ocorreu em 1824, na Confederação do Equador, quando foi desmembrada a Comarca do São Francisco, incorporada a princípio às Minas Gerais, e depois, em 1827, em caráter provisório, que chegou aos nossos dias, à Província da Bahia.

Dessa maneira, verificamos que realmente ocorreu a mutilação do território pernambucano, mas este fato não é mencionado nos livros indicados pelas escolas; e este assunto é bastante relevante, pois reconhece o trabalho dos pernambucanos no Movimento de 1824. Além disso, é importante lembrar que, conhecer e divulgar esta história é muito mais que uma curiosidade ou

uma exclusividade de historiadores ou antropólogos, pois trata-se de dar a esse passado o significado identitário estratégico que ele já carrega em si, mas que permanece pouco explorado.

A seguir, observamos os mapas que demonstram claramente a perda do território pernambucano para a Bahia.



MAPA 3. ILUSTRAÇÃO DO TERRITÓRIO PERNAMBUCANO EM 1817 (SILVA, 2001, p. 78).



MAPA 4. ILUSTRAÇÃO DO TERRITÓRIO PERNAMBUCANO EM 1824 (SILVA, 2001, p. 78-79).



MAPA 5. ILUSTRAÇÃO DO TERRITÓRIO PERNAMBUCANO APÓS 1827 (SILVA, 2001, p. 79).

## Considerações finais

Além da mutilação do território pernambucano, o estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos possibilitou uma analogia entre cultura, dança, música, culinária, influência indígena e negra nas duas cidades (Salvador-Recife). Além disso, fizemos a análise dos dialetos baianos e pernambucanos. Através desta análise dos dialetos baianos e pernambucanos, chegamos à conclusão que Salvador e Recife são duas cidades nordestinas separadas pelo rio São Francisco, mas que possuem convergências e divergências tanto dialetais como culturais.

Através do percurso histórico, constatamos que Salvador é uma cidade tipicamente negra de influência (iorubá-nagô) e Recife é uma cidade de influência portuguesa, mas que possui em menor escala do que Salvador influência negra (banto-quimbundo).

As duas cidades pesquisadas têm o Carnaval como carro chefe das festas populares. Em Salvador, a dupla elétrica Dodô (Adolfo Antônio do Nascimento) e Osmar (Osmar Álvares de Macedo), após observarem o desfile da famosa “Vassourinha” (entidade carnavalesca de Pernambuco que tocava frevo na Rua Chile) e empolgados com a receptividade do bloco junto ao público, resolveu restaurar um velho Ford 1929, guardado em uma garagem. A partir daí o Carnaval baiano tomou uma nova dimensão. Por outro lado, o Carnaval recifense possui característica própria, ou seja, através de sua tradição, longa história e saudosismo, o Carnaval recifense empolga seus foliões.

Referente à culinária, verificamos que as duas cidades (Salvador-Recife) tiveram influência indígena, portuguesa e africana, e que cada uma possui características regionais distintas. Salvador é conhecida na culinária pelo acarajé, vatapá, caruru. Já o Recife é conhecido pela tapioca, coco, bolo-de-rolô. A culinária das duas cidades estudadas contribuíram de forma significativa para o estudo dos dialetos. Um assunto abordado no estudo e que possui grande relevância foi a mutilação do território pernambucano. A mutilação ocorreu como forma de castigo, ou seja, foi decorrente de motivos políticos para evitar que chegassem até Minas Gerais os pruridos revolucionários de Pernambuco.

Dessa maneira, observamos a importância do percurso histórico para análise do estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos, pois através dele é compreensível alguns dialetos e expressões populares usados em cada região estudada (Salvador-Recife). Dessa forma, o indivíduo compreende o por quê da diferença do falar baiano e pernambucano. Além disso, o estudo serve para auxiliar no trabalho com a variação diatópica na sala de aula, pois, junto com as



outras variações, a diatópica está presente no ambiente escolar, e muitas vezes o falante é vítima de preconceitos por causa de sua procedência geográfica denunciada pelo meio da fala. O estudo faz com que o indivíduo perceba que as diferenças dialetais existentes entre as duas cidades são decorrentes da ocupação histórica. O estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos foi relevante para entendermos que qualquer língua com um número significativo de falantes possui o seu dialeto, e principalmente se houver barreiras geográficas separando um grupo de pessoas.

Uma maneira que encontramos para fazer o aluno refletir sobre a questão da variação diatópica foi analisar como retratam os dicionários do Baianês e do Pernambuquês os dialetos das cidades de Salvador e do Recife. Após as análises realizadas nos dicionários do Baianês e do Pernambuquês encontramos interjeições, locuções interjetivas, usos dos pronomes, alguns itens lexicais, algumas expressões populares, aféreses, usos do “visse”, “e apois”, uso de tia e de titia utilizados nas falas dos baianos e pernambucanos.

Diante da análise dos dialetos baianos e pernambucanos podemos verificar a variação diatópica nas duas cidades. O aluno que fica ciente desta variação, além da oportunidade de conhecer novos itens lexicais, tem a oportunidade de incluir novos sinônimos ou campos semânticos no seu vocabulário. Sendo assim, o soteropolitano e o recifense precisam ficar atentos ao visitar a cidade um do outro, pois no estudo contrastivo dos dialetos baianos e pernambucanos foram descobertas palavras que podem ser consideradas homógrafas, ou seja, palavras que possuem a mesma grafia, mas sentido diferente. O uso ingênuo de alguns destes itens lexicais pode criar situações constrangedoras para ambas as partes.

## **Referências**

BERNARDINO, Bertrando. **Minidicionário de pernambuquês**. 3. ed. Recife: Bagaço, 2002.

BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialetologia no Brasil: perspectivas. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.15, n. especial, p. 233-255, 1999.

\_\_\_\_\_. Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 17, n. especial, p. 25-44, 2001.

CAVALCANTI, Carlos André Macedo. **Pernambuco afortunado**: da nova lusitânia à nova economia. Recife: INTG, 2006.

COUTINHO, Ismael de. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ILLARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

LARIÚ, Nilvaldo. **Dicionário de baianês**. 2. ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1992.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Documentos do arquivo**. Recife: Secretária do Interior de Justiça / Arquivo Público Estadual, 1950, v. 4 e 5.

MAPA 1 do Recôncavo Baiano. Disponível em:  
<[http://wapedia.mobi/pt/Rec%C3%B4ncavo\\_baiano](http://wapedia.mobi/pt/Rec%C3%B4ncavo_baiano)>. Acesso em: 16 jan. 2010.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A linguagem do candomblé**: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

SILVA, Leonardo Dantas. **Pernambuco**: imagens da vida e da história. Recife: SESC, 2001.

SILVA NETO, Serafim da. **Manual de filologia portuguesa**: história, problemas, métodos. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença: 1977.

SOUSA, Avanete Pereira. **Salvador**: capital da colônia. 5. ed. Salvador: Atual, 1995.

Recebido em: 09/05/2014

Aprovado em: 19/05/2014

**Para referenciar este texto:**

LIMA, Daniele dos Santos. Estudos contrastivos dos dialetos baianos e pernambucanos. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 4, n. 1, p.52-61, jan/jul.2011.